



casadesarmiento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmiento | © Sociedade Martins Sarmiento

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmiento@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

Alberto Sampaio

Estudos Históricos e Económicos

Com prefácio do
Dr. Luís de Magalhães

2 volumes

1923
Livraria Chardron
de Lelo & Irmão, Limitada
Pôrto

De *O Primeiro de Janeiro* (28-5-1924):

«Pelos grandes editores Lelo & Irmão, a quem a alta intelectualidade portuguesa deve a sua maior expansão de publicidade, foi, há poucos meses, editada, em dois volumes, a obra de Alberto Sampaio.

E' um serviço de assinalável importância prestado ao país, cuja iniciativa provém da de-

voção quasi filial do Dr. A. Leal Sampaio e de sua querida irmã pela memória ilustre de seu tio, um dos maiores espíritos da geração de Antero e Teófilo.

Disseminados, uns, em publicações periódicas, reservadas a um número restrito de leitores ou de difícil aquisição, esgotados, outros, mercê das limitadíssimas edições em que escassamente circularam, êsses trabalhos estavam condenados, não obstante o seu excepcional valor, a perder-se no esquecimento e, com êles, o nome do autor, o qual atingiu as raras eminências em que avultam os verdadeiros construtores da História.

De agradecer é, pois, a benemerência da recente edição que os tornou acessíveis ao grande público letrado, vingando ao mesmo tempo o ingrato descaso em que tem permanecido uma das mais nobres mentalidades do Portugal contemporâneo.

Não é para dizer aqui o que foi a insigne figura

de Alberto Sampaio, de quem é traçado, com arte, o retrato intelectual e moral, no prefácio aos *Estudos Históricos e Económicos*, pelo Dr. Luís de Magalhães, talvez o único sobrevivente das íntimas camaradagens literárias do notável historiador.

E' para acentuar, porém, que tanto a sua simplicidade de carácter como a sua desartificiosa modéstia o afastaram sempre do ruído turiferário e da vã gloriola da aura pública.

Além disso, é para registar ainda que, escrevendo, quer espontaneamente para satisfazer uma necessidade do seu espírito superior e muito culto, quer para atender a solicitações de vária ordem, Alberto Sampaio o fez sempre no intuito de servir o país.

Foi êste constante objectivo duma tam elevada e rara isenção que o levou a aproximar-se do saudoso grupo da *Portugália*, dirigido por Ricardo Severo, em quem se aliam às invulgares qualidades do sábio as virtudes lídimas da Raça.

Uma estreita solidariedade de sentimentos e ideias o ligou a êsse forte núcleo de homens de saber que, por um esplêndido labor, tam desinteressado quam patriótico, organizava em bases científicas a orientação da consciência colectiva da nação.

Então, a instâncias de Rocha Peixoto, o malogrado etnógrafo e brilhante escritor que possuía ao mesmo tempo, como um apóstolo, o dom convincente e entusiástico do proselitismo, Alberto Sampaio completou e deu a feição integral e definitiva ao seu monumental trabalho *As Vilas do Norte de Portugal*, a que seguiu o *das Póvoas Marítimas*, em cujo remate a morte o veio colher.

Sem esquecer o alcance e a influência dos seus precedentes estudos económicos, elaborados com rigoroso método científico, as duas monografias aludidas constituem a parte capital da obra de Alberto Sampaio, em que se fixam e vincam as tendências estruturais do seu espírito e os seus méritos de historiador insigne.

Estas monografias foram, de resto, a eclosão lógica das investigações de carácter económico.

Foi, com efeito, pelo inquérito a moderna vida moral que a sua erudição sugestivamente lhe revelou as profundas perspectivas do Passado.

*

Pelos alvares que precederam a luz da História, a raça ligúrica, na sua difusão pelo ocidente europeu, ocupou a Gália e o noroeste da península hispânica.

Segundo os dados arqueológicos, esta nossa remota ascendência étnica foi influenciada pela civilização que irradiara do mar Egeu — Creta — e, ao diante, de Micenas e cuja maravilhosa tradição luminosamente se perpetuou nos poemas homéricos.

A prova fundamental desta influência resulta da similitude das manifestações artísticas e da analogia estrutural e arquitectónica existente entre as povoações fortificadas que o povo ligúrico construiu em pontos estratégicos no alto dos montes — *citánias* e *castros* — e as *acrópoles* pre-homéricas.

Fora de cada um desses povoados, pelos planaltos imediatos ou pelas encostas e abas adjacentes, era agricultado, em comum, o terreno indispensável às escassas necessidades do agregado populoso.

A conquista romana veio, pois, encontrar êsse antepassado protoistórico, vivendo sob o régimen communalista de que restam ainda sobrevivências no mactismo gereziano e no planalto de Barroso.

Submetidas essas populações aguerridas, após uma luta penosa para as armas do Império, foi organizado o *censo* e distribuído o imposto pelos chefes de cada *citânia*, aos quais foi, primeiro, atribuída a *posse* legal, e, mais tarde, reconhecido o *domínio* do território explorado pela colectividade.

Assim se transitou da apropriação colectiva do solo para a propriedade individual pela constituição das *vilas*.

A *vila* compunha-se, pois, duma das zonas em que tinha sido retalhado o território comum, perfeitamente diferenciada por limites e marcos, além de especificada pelo nome de chefe ou *dóminus*, o qual dirigia a colmeia humana que aí se abrigava, dividida em classes e subordinando-se a normas jurídicas sucessivas e oportunamente segregadas pela evolução do direito de Roma.

A fisionomia económico-jurídica da propriedade

rural assim constituída e compreendendo não só os edifícios nobres e as construções rústicas de habitação e de fábrica agrícola, mas também as sub-unidades de cultura, era a mesma tanto no noroeste da península hispânica como nas outras províncias romanas.

Pela expansão demográfica e sob os influxos da romanização, enraizando mais e mais, desbravou-se a selva, desenvolveu-se a agricultura e multiplicaram-se as *vilas* que o cadastro imperial definitivamente registrou. No entanto, este organismo rural, uma vez criado, jamais se desmembrava. A sua integridade ou indivisão real não era incompatível com as exigências do direito sucessoral, as quais encontravam plena satisfação na partilha abstracta consagrada pela tradição e por fórmulas jurídicas, garantindo a cada um dos co-herdeiros a *ração* ou a *porção* que lhe cabia por sucessão testamentária ou legítima.

Foi assim que as *vilas* permaneceram e foi assim que as encontrou o bárbaro invasor do século V.

Este, de civilização inferior à do vencido, não tendo capacidade para modificar-lhes vantajosamente a estrutura tam complexa e ao mesmo tempo tam aperfeiçoada, respeitou-as, como no-lo atesta o Código Visigótico, adaptando-se ao seu funcionamento e delas auferindo todo o benefício possível.

Novos séculos e, com eles, gerações sucessivas passaram, os velhos deuses morreram e as *vilas* ficaram, abrigando uma nova esperança religiosa que despontaria com viço no coração dos homens livres, dos adstritos e dos servos da gleba que enxameavam e labutavam em cada uma delas.

Sobre elas soprou o furor do tufão árabe, pelos começos da oitava centúria; mas, apesar da sua violência, nem as destruiu, nem as transformou.

A sua transformação aparece, todavia, com a *reconquista* saída das Astúrias.

Novos conceitos da soberania e do direito da guerra impuseram um novo conceito do domínio sobre o território tomado ao infiel, que ficava sendo a *presa* do rei e que este partilhava com os chefes das hostes ao seu serviço e com os mais valiosos combatentes desta cruzada.

Também o quinhão de Deus, em nome do qual

esta se fazia, não era esquecido por liberalidades em favor de igrejas e mosteiros que surgiam, pouco e pouco, do território conquistado, como padrões de fé atestando a expulsão do sarraceno e a vitória da causa santa.

Este sistema trouxe consigo o retalhamento da *vila*, cuja unidade multi-secular desapareceu, dando este inevitável parcelamento, então, lugar à aparição da pequena propriedade.

O vínculo de coesão dimanando do *paço*, ocupado pelo antigo *dóminus*, passou para o mosteiro ou para a igreja paroquial, onde residia, alfin, a preponderância moral que se impunha a todos os que usufruíam e ocupavam o território da antiga *vila* a que hoje corresponde a nossa *freguesia rural*.

Eis, em pálida e rápida síntese, o que é o estudo admirável de *As Vilas do Norte de Portugal*, que se baseia sobre uma sólida erudição e principalmente sobre a riquíssima documentação medievla dos *Portugalia Monumenta Historica*.

Seguro foi o critério e vigorosa a lucidez de interpretação com que Alberto Sampaio utilizou estes inestimáveis elementos de reconstituição das nossas origens históricas.

A luz viva que sobre estas lançou, fazendo-as sair das trevas, dá ao seu trabalho uma tal precisão que não permite divagações como aquela que apaixonou inutilmente os sábios de além-Reno, durante um século, sobre a pretensa filiação das *Corporações de Artes e Ofícios* na organização do trabalho na *vila*.

Esta monografia, dum excepcional relêvo na nossa apoucada bibliografia histórica, pelo sopro intenso de revelação que a anima, pelas perspectivas que nos descobre sobre as manifestações da vida social de outrora, interessa ainda e sobremaneira à etnologia e à etnografia lusitanas, sendo este o motivo que condicionou a sua publicação na *Portugalia*.

El mal se supõe o encanto imprevisito que da sua leitura resulta para quem conheça a província de Entre Douro e Minho ao constatar de que horisontes milenários procedem a sua habitação, os seus costumes, o seu vocabulário e os seus trabalhos agrários.

As Póvoas Marítimas são a seqüência lógica de *As Vilas do Norte de Portugal*.

Com efeito este estudo memorável teve naquele o seu perfeito coroamento.

Feita a história da população que no norte português se vinculou ao trabalho agrícola da terra e seus derivados, impunha-se, por assim dizer, ao historiador o determinar a atracção e influência que sobre ela exerceu o oceano e como, ao longo da costa, na expansão da sua actividade, se formaram as povoações que se deram ao trabalho do mar. Tal é o objectivo de *As Póvoas Marítimas*.

Este trabalho histórico, embora de menor latitude que o anterior, é por igual admirável, não obstante a escassez dos elementos de investigação e a consequente dificuldade em reconstituir as fases primordiais dum tal aspecto da vida do passado.

O espírito clarividente e o profundo saber de Alberto Sampaio triunfaram, porém, o melhor possível, dèste obstáculo desanimador. O eminente historiador conduz o leitor às épocas protohistóricas, embora se ignore qual o contrato que os habitantes das *cidades* e *castros* tiveram com a onda e encaminha-o depois pelos tempos dos domínios romano e visigótico, envolvidos também e por enquanto por um espesso véu de mistério.

A razão dèste facto reside na pilhagem dos piratas normandos, a partir dos meados do século IX, as quais foram continuadas, com requinte, no século XI, pelas *razzias* muçulmanas, tornando impossível a vida na costa, que ficou erma, com estas assolações repetidas sem cessar durante dois séculos e fazendo desaparecer tódá a documentação da vida das épocas anteriores.

Com efeito, depois da fuga e do abandono vieram a ruína, o assoreamento e a desolação, que só cessaram com o desenvolvimento da navegação e do comércio marítimo, com o crescente movimento das armadas dos cruzados, com a iniciativa do grande arcebispo de Compostela, Gelmirez, e, enfim, com o feito épico da

tomada de Lisboa — o vasto reduto onde se acoitavam os bandidos e corsários sarracenos.

Com a segurança imediatamente renasceu a vida ao longo da orla marítima, para onde a população derivou, seguindo os cursos fluviais em cuja embocadura de começo e de preferência se fixou, o que confirma o princípio da moderna sciência histórica das influências geográficas sobre a formação dos agrupamentos humanos. Desde então para cá a elucidação histórica é perfeita e o leitor assiste ao nascimento e ao evoluer das nossas vilas e cidades marítimas do norte do país e em especial do Porto — *Portucale locum* — surgindo embrionariamente do *castro novo* de Afonso III de Leão entre o nono e o décimo séculos.

Não vale a pena detalhar mais quanto as condições naturais e a concorrência dos factores étnicos estranhos que determinaram o carácter histórico desta nobre cidade de trabalho para pôr em evidência a importância de *As Póvoas Marítimas*. Estas acham-se esboçadas e em certo modo completadas num trabalho anterior de Alberto Sampaio, que se intitula *O Norte Marítimo*, porquanto nêle revela o quanto e como as províncias setentrionais de Portugal contribuíram em audácia, iniciativa, valor e saber para o que o dr. Luis de Magalhães proclama «o mais extraordinário monumento de Acção Heróica que ao homem foi dado erguer sobre a terra».

Em íntima ligação com estes estudos cumpre assinalar ainda *Ontem e Hoje*, que é uma síntese admirável da nossa malfadada evolução económica.

E' um quadro magistral e sombrio que devia ser lido e maduramente meditado por todos nós, governantes e governados, afim de, pelas amargas lições do pretérito, evitarmos as tormentas e as misérias sinistras do futuro.

Para Alberto Sampaio o nosso mal vem do erro sem nome, do desvio fatal que, ao findar a primeira dinastia, se deu na sensata e precavida administração afonsina.

Assim é, como o demonstrou mais tarde Basílio Teles, a propósito da questão agrária, nêsse livro eloquente e raro, como afirmação mental, que é o *Problema Agrícola*.

O que fica exposto basta para dar um vislumbre da valia excepcional da obra de Alberto Sampaio, cuja leitura e cujo conhecimento se impõe a todos os que têm o amor do Passado, pois, como dizia Lemaitre: *Cet amour est une piété et une vertu. C'est le passé qui nous a faits: malheur à qui ne s'y intéresse point et honte à qui le méprise.*

Abril, 1924.

MANUEL MONTEIRO.»

Entra e conversemos, ó doce amiga. Nuvens de chuva teimosa sobreceñham o vencido e pálido sol de Maio. Uivam os sinos a defunto, entrecortando em soluços os repiques de missa, baçamente, na umbra nervosa desta manhã de domingo. Senta-te bem junto de mim e consente que, hoje, troque o amargo do teu nome simples e breve — tam grande como a humanidade — e meigamente te chame, apertando-te as mãos, «Tédio», pesado tédio mortal. Aqui me tens a receber-te na festa dos tristes, com as jarras cheias de rosas. Vê que lindo botão de oiro gemoso, em que os raios de púrpura subtilmente se adivinham, como as gotas pastosas de sangue por baixo da cutis da formosura. E a maravilhosa braçada de rosas vermelhas, de tantos vermelhos, do mais casto ao mais ardente. A alegre quermesse das rosas brancas em tufo odorantes... Até ao coração nos desce a magia do perfume, desatormentando-o ao de leve, em fuga espiritual, àqueles alvoroços da mocidade que não mais voltarão, quando todo o nosso pensamento era vasto jardim florido, e a nossa bôca, em segrêdo, beijava o mistério. Encosto-me ao teu seio e é dentro de ti, minha amiga, ó Dor tediosa, que eu sinto arquejar a minha revolta lassa, e deixo-me cerrar os olhos, à luz da tua simpatia dilacerante, como as crianças tímidas poisando-lhe nas pálpebras a vigia atenta da lamparina — assim custa

menos a adormecer na morte. Mas barra, fecha depressa as janelas atrevidas — vem da rua a brutalidade da vida e tal vida empesta e mata, ignominiosa. Ache-guemo-nos no recolhimento, como dois amantes envolvidos em luar, vogando assim à toa pelo rio da fantasia, entre chorões e salgueiros dum verde cinzento e suave.

Arte, ciência, filosofia, todos os livros alinhados na estante, comédias, sistematizações de direito, ordenanças de medicina, cada um dos mosaicos que formam os silhares da nossa choupana de amor, escuta, são esperanças que renascem de tenebrosas desilusões — e como as nossas volitam e passam; paroxismos de tortura crispando-se na ânsia do claro sol da alegria. Luta formidável e inútil! E todo êsse longo pensamento secular, ó minha terna companheira, nós o comungamos em supersticioso abandono — para não pensarmos o nosso pensamento, cuja mesma longinqua eclosão, ainda abconsciente, nos arrepela de assombro e fulmina de medo. Tantos dramas, as volumosas fieiras da literatura, espalhadas por aí em largas ondas e montões, consoladoramente nos servem de velário denso ao nosso drama horrendo. Estrélas sarabandam esplendores no longo salão oriental e as máscaras desses duendes entrelaçam-se em danças frementes: é a fantasia aureoreal sepultando em treva a agonia de nosso atormentado coração. Estudar para suicidar nossa ideia; ler para morfinizar nossa sensibilidade — aí tens, ó carinhosa!

Falemos, pois, dos livros, minha amiga, que é a maneira mais delicada de escondermos as confidências ou de as dizermos como se não fôssem nossas, mas apenas vislumbres dos sentimentos alheios que até nós chegaram. Muito ao de leve e de fugida, escolhendo apenas os últimos e mais queridos. Sim, escreve-se muito, agora. De mais. Quantidade nociva à qualidade, porque, muito raro, a determina a febre da arte, antes, e a cotio, a epidemia do negócio, que depois de haver tiranizado os corpos, atacou as almas, construindo assim ao jeito essa beleza de sociedade luxuosa e pífia. Tornou-se difficilima essa escolha e de invejar será quem aparenta, que eu não o creio, dispor de tempo sobreceiente para abarcar o torrentoso prodígio da indústria liyreiresca. Ah! mas não se assuste, en-

fronhada confidente, pois, como prometi não há um segundo ainda, lhe apontarei, dentre os ainda espalhados na mesa de leitura, à mão desta cadeira de técnica rude mas engenhosa, os que mais me enterneceram — e sem fazer maçagens críticas — longe vá o agoiro! Na primeira e melhor impressão, aquela em que a arte nos domina e transplanta, eu não sei esmerilhar as razões, certamente poderosas, do meu enlévo. A sensibilidade literária não se caleja do uso, porque a nossa própria exigência a depura. Não sei se conhece o *Dr. João Barreira*, vagamente médico, professor distinto, lá para Lisboa. Sim, não anda assoprado na clamorosa tuba. Talvez a nova onda se encolha desdenhosa. E? já uma razão? Podia apontar-lhe muitas outras. Não encontrei ainda criatura mais singularmente artista. São os olhos da mais viva e faiscante inteligência, que perscrutam, minuciam e sorriem. A sua conversa, com tonalidades de esmalte, ouve-se como quem está vendo e lidando com a cultura inteligentemente disposta e exercida ou com a anedota romântica apanhada em flagrante. A sua vida decorre metodizada pela liturgia do grande, do sentido fervor artístico. Faz da pena o cinzel do estatuario e da palavra o flaubertismo da reprodução colorida, cheia de pitoresco e de graça. Leia, de manso, como numa manhã de praia, estas páginas de *A Morte do Imaginário* e diga-me se em língua portuguesa, burilada e plásmica, com tanta ductilidade como certeza, já viu, de há um bom par de anos, novela de tam maravilhosa beleza. Confissão de artista, que só a dor do artista, no afan da lida trabalhosa, pode interpretar ou compreender. E veja, depois, como de um livro de ensino, agradável e útil a todos nós, embora muito prosapietos de saber, o engenho subtil e a vocação espontânea e invencível conseguem fazer uma história palpitante de vida — *A Arte Grega*. Repare nesses trechos verdadeiramente clássicos, na precisão e na forma, em que o autor nos descreve o carácter da arte e da civilização grega como resultante da fusão de iónios e dórios, as causas da supremacia da escultura entre toda a arte maravilhosa do povo helénico, a escola de Fídias, encarregada por Péricles dos trabalhos da Acrópole, o autor das Atenas de Lémnia, erguida junto da oliveira

sagrada — é um velho símbolo... —, Prómacos e Pártenos, o imortal criador da escola ática do século V, conjugando o sensibilibismo sonhador, a modelação elegante e fluida dos iónios com a estratégia e calma, a plásmica anatomística dos dórios, escola a que pertenceram Agoracrito, Alcámenes, o estatuario da Afrodite dos Jardins, copiada, segundo alguns, na Venus Génitrix do Louvre, Calímaco, o cinzelador da lâmpada de bronze a Atena Polias, que elevava o fumo até ao tecto da cela. Explica a seguir a transição da «severidade fidiana» para «esse fino toque de cinzel que acaricia as epidermes e os panejamentos vaporosos», período em que marca o trabalho de Scopas na expressão plástica do rosto humano. Assim se prepara a arte sensual de Praxiteles, modelando Frineia, sua amante, estatuardo andróginos, e a quem sucede Lisipo, o naturalista. Que educado e fino espírito esse, ao descrever e interpretar a Vitória da Samotrácia e a Venus de Milo, essa Nossa Senhora da Beleza, como lhe têm chamado! Laocoonte fecha o período helenístico. Ainda em capítulos modelares, com poderosa síntese, que as suas mãos aligeiram sem que o cansaço nos prenda, estuda a cerâmica, donde nos sorriem as figurinhas de barro, as famosas Tanagras, a glíptica e a torêutica. Livro dum professor consciencioso, dos mais aturados e vastos conhecimentos na história da arte, é também a obra carinhosa de um dos mais belos escritores do nosso tempo.

E aqui lhe mostro já, de professores também, outras produções de que se não pode dispensar, sem grosseira falta, a estante, embora modestinha, de um português de mediana cultura — são as «*Eclogas*» de *Bernardim Ribeiro*, com uma introdução e notas do *Dr. Marques Braga*, ilustre professor do *Liceu de Pedro Nunes*. A introdução é um curioso estudo sobre — *A Psicologia Portuguesa na Literatura*. Desde os *Cancioneiros da Ajuda, da Vaticana e de Colocci-Brancuti* se afirma a sintomalogia do carácter português — «ternura, afectuosidade, saudade». Apresenta Bernardim Ribeiro como representante do «lirismo alentejano» e fere esta observação justíssima: «A sua linguagem é duma grande simplicidade mas tem um encanto poderoso e absorvente. Algumas vezes, não se

resiste ao *gosto amargo* do seu ritmo musical, embalador, que nos obriga a parar comovidos...

Os males, que são sem cura,
mal os pode outrem curar;
nem na *gram* desventura
não há mais que aventurar,
que deixar tudo à ventura.

E conclui: «Em setecentos anos de Vida Literária o que ayulta na Literatura Portuguesa — é a floração exaltada do subjectivismo lírico e a simplicidade emocionante e verdadeira da prosa». E o *Camões Lírico — I — Redondilhas* — do nosso querido *Dr. Agostinho de Campos*. Eu lhe digo, com despida franqueza, que neste volumezinho, tam fresco e encantador, de tam meiga suavidade, está a verdadeira, a grande homenagem ao poeta. E' uma obra nova, metódica, analítica, precisa, mas tôda ela trabalhada com devotado carinho — nova no sentido em que nos dá a leitura dos versos camoneanos pelas preciosas notas de que os acompanha. Cada redondilha é enquadrada no comentário crítico, onde encontramos o argumento, a métrica, o género da poesia, como encontrá-la em outras edições, o vocabulário, ou o sentido biográfico, a apreciação do texto, a lição perfeita, meticulosa, que nos elucida e revela o seu valor, formando assim o exame completo do génio e da obra de *Camões*. E que maguada e perturbante delícia esfiar como contas de um rosário, lenta e amorosamente, as cantigas, os motes, os vilancetes, as glosas...

Dama de estranho primor:
se vos for
pesada a minha firmeza,
olhai não me deis tristeza,
porque a converto em amor.
E se cuidais
de me matar quando usais
de esquivança,
irei tomar por vingança
amar-vos cada vez mais.

Cerram-se os olhos e vamos triste e compassadamente repetindo, como no recordar das nossas mais santas loucuras

...irei tomar por vingança
amar-vos cada vez mais...

Logo aqui o maravilhoso prosador — *Raúl Brandão*. Custa-me, mas vai a confissão, minha doce amiga — é uma prosa que me tortura. Não sei que estranho domínio exerce sobre os meus nervos que, ao fim de algumas páginas, me sinto aflito, a suar frio, enclavinando as mãos, quasi a gritar que me não asfixiem. Chego a cair doente se teimo, então, em absorver o veneno de jóias liquefeitas, em cujo esverdeado fundo brilhante se precipita a torva amargura ridícula. Mas neste livro — *Os Pescadores* — não. Sorve-se o ar da marezia e a luz, o verde — o verde ou azul? — do céu e do mar. São aguarelas magníficas, delirantes de côr, frescas de espuma. A paisagem marinha deslumbrou-o. Nos olhos do artista, sentem-se escorrendo chuvis de arco-iris. Quando o seu génio literário mais se particulariza, dando a mancha, aquela forte mancha de dor, a página então é soberba de beleza.

E já com este mestre querido, em cuja alma se crispam todos os latejantes anseios da paixão e da amargura humana, eu lhe recomendo outro privilegiado temperamento de artista — *Júlio Brandão* — de quem temos aqui a terceira edição da *Maria do Céu (Cartas de Marcelo)*. Nada há de somenos na obra cuidada do escritor distintíssimo. E' um nobre sentimento dominando e esclarecido por uma terna, alumiada e compreensiva inteligência. Sentimento não apiegado, mas sentimento-acção, um dia porventura ferido pelo mais belo amor — às coisas simples, ao sofrimento obscuro, à vasta agonia anónima — grande na sua devoção à paisagem acariciadora, aos luars de fada, ao brasido da lareira, à canção do campo, ao velho roble, à princezinha encantada e ao galhardo pagem trovadoresco, e conservando, por magnífico prodígio, na inquietação e no sonho, aquele estado de bondade e colorido, de tímido entusiasmo e doce tristeza que o dealbar da mocidade acendem no coração do poeta. Note as excellentes qualidades do estilo — dúctil, variado, pictório e comovido, sabendo rir e chorar, sempre enlevante.

Vai-se fazendo tarde, minha gentil sempre querida, e eu queria ainda falar-lhe do muito mais que me

prende nos derradeiros dias. De *Carlos de Passos*, moço escritor que se apegou a velharias e tem contribuído com notáveis subsídios para os nossos estudos históricos. Nestas *Lembranças da Terra*, crônicas históricas do Pôrto, com assêto declara: «Através, porém, tantas virtudes e ações, poucos de seus filhos por sua história se têm devotado, a raros se aponta a nobre tarefa de a iluminar, espargir e honrar; e por isso é que ela — a história do heróico e valoroso burgo portugalense — está por fazer». O livro contém vinte estudos muito interessantes, bem documentados, inteligentemente descritos e que o autor faz reviver numa linguagem de feição, de sabor antigo, mas clara, não obstante a ornamentação e bizzarria do estilo. De *Norberto de Araújo*, que na *Vinha Vindimada* se afirma um bom prosador. Da *Revista Literária*, indispensável aos que se interessam pelo nosso movimento nas letras, criteriosamente dirigida por *César de Frias*, bom escritor e esforçado na lide, e da qual fiquei aguardando com curiosidade o prosseguimento. Do *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, preciosa colectânea de cantigas populares. Ao seu autor, *Fernando de Castro Pires de Lima*, filho do sábio professor *Dr. J. A. Pires de Lima*, com os louvores pelo seu aturado e consciencioso trabalho de investigação e respiga, tam útil para melhor compreensão da grande alma popular, dirigiria, se pudesse, o mais vivo estímulo a embrenhar-se no caminho encetado e para o qual revela a mais formosa aptidão. *Emanuel Ribeiro*, num opúsculo tam interessante como agradável, diz-nos que... *O Doce nunca amargou...* e faz-nos vir água à bôca, a nós esquálidos descendentes duma raça de comedores formidáveis, evocando as saborosas doçarias dos nossos conventos. Aponta, de cada terra, a sua especialidade: é a mais apetitosa das corografias, e detém-se, com sentida delicadeza de gôsto, na apreciação das rendilheiras do papel com que se enfeitavam as bocetas e caixas de doce. E para que a fome nos não arremeta em fúria, dá-nos uma bem escolhida colecção de receitas tradicionais. *Contribuição para o estudo das dermatomicoses no norte de Portugal* é a tese de doutoramento, apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto, do *Dr. Alexandre Lima de Castro Carneiro*. Não costume pôr de lado

estudos desta natureza, antes sempre busco, com natural simpatia, no trabalho dos novos o entusiasmo benéfico da sua inteligência e acaricia-me encontrar amor ao trabalho. A tese proposta logo atrai pela carência de investigações similares, pela simpatia que determinou o autor na escolha do assunto e pela sua manifesta e desprezada utilidade. A tinha é um flagelo dos campos, das crianças pobres e alastra nas escolas: «em vários asilos da infância, anota o jovem médico, existem verdadeiros focos de tinha», e conclui, depois de bem elaborados capitulos, onde enuncia e descreve os casos observados e várias culturas, a que procedeu, dos agentes da dermatomicose, pela necessidade da criação dum asilo de tinhosos e da inspecção médica e rigorosíssima «em tôdas as escolas e internatos infantis». Do muito apreciado e ilustre colaborador da *Revista de Guimarães*, o distinto professor *Dr. Pedro Vitorino*, mostro-lhe — *O Sebastianismo na Iconografia Popular* —. O tema seduz a sentimentalidade lusa, sempre esperançada no milagre de *um homem*. Completo, documentado, com uma crítica notavelmente arguta. Os materiais, reproduzidos em boas gravuras, têm e despertam a maior curiosidade. Pois se há ainda alguém a dizer que D. Sebastião não morreu de todo... «Supremo devaneio, no dito de Aristóteles, de quem sonha acordado!»

Antes de nos separarmos, porque já me tarda o de novo me enfronhar naqueles tantos livros novos que me estão chamando, mostro-lhe uma novidade, o *Almanaque de Ponte do Lima*, organizado por um velho amigo e antigo condiscípulo, o *Dr. António de Magalhães*, integro Juiz de Direito em Vieira do Minho. Bem apresentado, magnificamente colaborado, reúne artigos históricos da melhor valia, com várias e apreciáveis gravuras. Também a colaboração é selectíssima. Organizado como está, não pode prescindir-se na biblioteca, mesmo pequena e escolhida, dos que se interessam pelas nossas antiguidades históricas. E... Perdoe-me, já conversei demais.

EDUARDO D'ALMEIDA.

: Verde Esperança :

Líricas
de
Jerônimo de Almeida

Tip. Industrial — Guimarães

Verde Esperança é um lindo e sugestivo título que emoldura perfeitamente, e a calhar, tôda a inspiração sentida do poeta, inspiração feita de sensibilidade marcante e de delicadeza apurada, donde sai um fio doirado de acentuada religiosidade e de amor aos encantos da terra e às belezas dos campos, fio que

enastra e prende às composições de frescura e singeleza e àquelas de mais elevado pensamento, parcelas do seu coração bem formado, em amores e sonhos, parcelas muitas, sabendo rir, cantar, voando em liberdade pela largueza da vida e pela luz da maravilha, em sofrimentos e dores, parcelas ainda mais, retalhos feridos de esperanças e ilusões perdidas, sabendo então chorar e levar em penitência a sua cruz, amparando em conforto a cruz da legião dos Lázaros que se arrasta na penúria duma miséria de desgraça e morte. |

Gostei, porque é um livro sentido.

E eu, em franqueza o digo, aprecio mais pelo coração do que pròpriamente pelo saber.

Há frescura, há encanto, há lágrimas e amor.

Desde que o coração dum poeta vibre em sentimento, sem esforço nem pieguice, a nossa alma ajoelha em respeito.

Pelo seu livro e pelas suas palavras, fica-lhe agra-decido o

ALBERTO V. BRAGA.